

(1)

“desde que me conheço, a coisa aqui é assim:
qualquer garoa é enchente”, todo concreto rui
provisório e a obra, definitiva, reinicia (rio-
-lixo, máquinas na pista, homens trabalhando)
– o caos, a lama: já são da natureza do lugar,
fariam falta as placas que obrigam o rebanho
a se comprimir para passar, seria estranho já
seguir mais rápido do que é preciso para observar
o canteiro de obras, seria estranho seguir
sem contemplar a contragosto os arames com
que se propõem a deter o rio; estranho também
notar que ele – como a fera que esconde suas
garras até que o taque seja inevitável – apareça
agora apenas como uma inofensiva, fina linha
escura levando nada a lugar algum

(2)

talvez seja o caso de erguer aqui o monumento
em memória dos que derrubamos: convém
deixar de sobreaviso que ele não deve durar
– uma nova rua, um novo prédio, outra loja:
temos mais o que venerar (unida a multidão
ao redor da estátua viva, seus olhos se atraem
pelo que, no que se faz estátua, é um possível
movimento e, no que tem de viva, o que faz
questão de se negar); as ervas que curam tudo,
tudo o que é capaz de prever o futuro, tudo
o que se faz (e não é pouco) em troca de algum
dinheiro limpo e rápido,
nada acena aonde ir, mas impede de ficar

(3)

“a restauração começará neste ponto e circulará naquele sentido todo o prédio; os cálculos garantem que a duração do trabalho ao redor de todo ele consumirá tempo necessário para que, ao fim do ciclo, já se faça preciso recuperar o ponto inicial, novamente e assim por diante todos os outros pontos – matematicamente, ao menos, a continuidade das obras está garantida, tomando cuidado para que o restauro não seja eficiente demais a vida dos pontos recuperados (afetando, assim, a dinâmica de nossas obras), tampouco ele pode ser ineficiente o bastante para que, antes de voltarmos ao ponto inicial, o desgaste consuma irremediavelmente as estruturas (roubando de nossas obras o seu caro objeto)”

(4)

mais do que manter as cosias como estão,
mais do que trocar isto por aquilo (seis
por meia dúzia), o tempo constrói o óbvio:
algum espaço ainda sobra para a paisagem
que pressinto sob a malha de concreto,
cães deixam sobra a pedra quente da tarde
– depois do sol, depois da sede – uns fios
roubados do imenso imundo espelho d’água
: inútil trabalho de irrigar, como é inútil
Que o colorido dos chapéus que restaram
Desminta o que dizem as pálidas vitrines

TARSO DE MELO é poeta e ensaísta, autor de *Íntimo desabrigo* (Alpharrabio/Dobradura, 2017), *Rastros* (Martelo, 2019) e *As formas selvagens da alegria* (premiado pelo PROAC/LAB 2021, a sair), entre outros livros de poemas, e organizador de várias obras coletivas, como *Sobre poesia, ainda: cinco perguntas, cinquenta poetas* (Lumme, 2019). É advogado e professor, doutor em Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em que atualmente realiza um pós-doutorado..